

DA CIBERCULTURA AO CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DAS CONSEQUÊNCIAS DA INFORMATIZAÇÃO DAS RELAÇÕES HUMANAS

Larissa Pinecio Malizan (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Max Rogério Vicentini (Orientador),
e-mail: mrvicentini@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

70100004 Filosofia e 70105006 Epistemologia

Palavras-chave: Tecnologia, Inteligência Coletiva, Capitalismo de vigilância.

Resumo:

Trata-se de um projeto de leitura e discussão da obra *Cibercultura* de Pierre Lévy. Propõe-se realizar uma análise das expectativas do autor sobre o desenvolvimento futuro das tecnologias da informação e comunicação (TICs), comparando-as com perspectivas mais recentes, em particular com o ponto de vista expresso na obra *A era do capitalismo de vigilância*, de Shoshana Zuboff. Essenciais para a compreensão do estudo, serão investigados conceitos como cibercultura, ciberespaço, inteligência coletiva e mineração de dados. Esta pesquisa parte da descrição das projeções de Lévy acerca do uso futuro das TICs e seu potencial libertador e a contrasta com perspectivas críticas atuais que apontam o aumento do controle e manipulação na sociedade tecnológica.

Introdução

A presença das TICs mediando as relações humanas foi intensificada nas últimas décadas com o desenvolvimento e a popularização de instrumentos de transmissão de som e imagem como computadores, tablets e telefones celulares.

A facilitação das relações humanas propiciada pelas TICs foi inicialmente recebida de forma positiva e otimista, sendo considerada um meio para o exercício do livre pensamento e para expressão da criatividade. O filósofo Pierre Lévy é um representante paradigmático dessa visão. Sua esperança de constituição de uma sociedade mais harmoniosa e plural com base nas TICs é revelada por seu livro *Cibercultura* (LÉVY, 1999), originalmente publicado em 1997. A ênfase na democratização dos espaços e dos próprios métodos de aprendizagem promoveriam, segundo Levy, o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, algo novo na história da humanidade. Uma sociedade mais igualitária e inclusiva poderia resultar das relações constituídas no ciberespaço.

O contraste dessa perspectiva otimista do uso das TICs com a visão mais realista do seu emprego, intrinsecamente ligado ao mercado, nas sociedades tecnologicamente desenvolvidas é notável. A psicóloga social e filósofa Shoshana Zuboff oferece um retrato vívido de como o mercado, apropriando-se das informações coletadas no uso das TICs, implementou estratégias de marketing e comercialização de produtos constituindo uma nova forma do capitalismo, chamado

por ela de Capitalismo de Vigilância. Nas quase mil páginas de seu livro *A era do Capitalismo de Vigilância* (ZUBOFF, 2021), publicado originalmente em 2018, a autora apresenta uma perspectiva distópica do mundo atual, argumentando que o contorno da sociedade atual se constituiu sobre os escombros de direitos até então inalienáveis como a privacidade. O poder dessa nova forma de mediação das relações entre empresas e indivíduos ou grupos é julgado por ela como sendo suficientemente robusto para se temer a possibilidade de seu exercício unilateral. A ênfase na mineração de dados produzidos pelo uso das TICs e no desenvolvimento de poderosos algoritmos tem produzido um novo tipo de conhecimento, materializado em antecipações efetivas de comportamentos, até então, considerados complexos demais ou excessivamente contingentes para serem previstos.

Este relatório tem por finalidade apresentar aspectos dessas visões contrastantes, a partir das obras indicadas acima, e tentar compreender elementos e processos que levaram o sonho da inteligência coletiva a se transformar no pesadelo do mundo vigiado.

Materiais e Métodos

A metodologia utilizada, como é usual nos trabalhos de pesquisa da área de filosofia, baseou-se em análise conceitual e discussão de ideias e argumentos contidos em textos publicados. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram tomadas como objetos principais de análise as obras *Cibercultura* de Pierre Lévy (1999) e *A era do capitalismo de vigilância* de Shoshana Zuboff (2021), bem como a de outros autores e comentadores que contribuem para a recente área da filosofia denominada filosofia da tecnologia. A discussão das ideias dos autores e o amadurecimento da interpretação aqui proposta foram obtidos por meio de seminários periódicos, nos quais realizou-se a discussão dos resultados obtidos em cada etapa da pesquisa e aprimorou-se o texto aqui apresentado.

Resultados e Discussão

Em seu livro intitulado *Cibercultura*, publicado ainda no início do desenvolvimento da rede mundial de computadores, Pierre Lévy deixa claro em diversos momentos seu otimismo.

Primeiramente, destaca-se que, para Lévy, as novas TICs não impactam a sociedade. Para o autor, a dinâmica humana constitui-se necessariamente por três tipos de interações: entre pessoas, entre ideias e entre entidades materiais. Os seres humanos pensam, têm ideias, projetam-nas no mundo material e as utilizam, de modo que é impossível separá-los dessa interação. Ele defende que a ideia de “impacto” sugere exatamente o rompimento dessa interação, como se as técnicas fossem um elemento independente da sociedade, provindas do exterior, quando, na verdade, no seu ver, elas são apenas frutos das ideias humanas dependentes e sem vontade própria.

Em segundo lugar, Lévy afirma, em seu livro, que o ciberespaço é a realização tecnológica de um ambiente de livre troca e exercício de aprendizagem e criatividade. A finalidade última do ciberespaço, que pode ser entendido como o espaço no qual acontece a conexão entre todos os dispositivos de criação de

informação, é o que ele chamou de "inteligência coletiva". A inteligência coletiva é apresentada como o resultado do compartilhamento de conhecimentos por meio do ciberespaço. O objetivo principal do programa de desenvolvimento da inteligência coletiva consiste na democratização dos saberes, de modo a disponibilizar recursos de maneira acessível e universal. Quanto mais as novas tecnologias permitem que o conhecimento seja distribuído entre as pessoas, mais o potencial de uma inteligência coletiva cresce. A grande questão da cibercultura incide na transição de uma educação e formação unicamente institucional para uma situação de troca generalizada dos saberes. O autor defende que cada vez mais se aprende fora dos meios acadêmicos, sendo assim, todos os tipos de aprendizagem e de formação devem poder gerar uma validação socialmente reconhecida. Lévy acredita que o aprendizado, a transmissão e a produção de conhecimento passam a não ser mais reservadas a uma elite, mas tornam-se acessíveis a todos.

E, por fim, o uso das TICs para manipular os indivíduos não constitui um perigo real, acredita Lévy, pois, "quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna "universal", e menos o mundo informacional se torna totalizável." (LÉVY, 1999, p. 111). O autor admite que a universalidade do ciberespaço não é neutra nem sem consequências, entretanto, apesar de influenciar a economia, a política, a cultura e ainda transformar a vida em sociedade, ela o faz de modo imprevisível e indeterminado, ou seja, embora possua grande poder, ninguém em específico pode controlar.

A segunda parte desta pesquisa constatou que as esperanças de Pierre Lévy não apenas eram ingênuas, mas também que a manipulação e o controle de dados têm se expandido de tal maneira que além de darem uma nova face ao comércio, estão presentes em todas as formas atuais de comunicação e informação. O uso da tecnologia transformou-se no elemento estruturador da nossa sociedade, levando alguns teóricos a afirmar que entramos em uma nova forma de capitalismo, o assim chamado "capitalismo de vigilância". A psicóloga social e filósofa Shoshana Zuboff utiliza a expressão "capitalismo de vigilância" para expressar uma nova forma de capitalismo que se baseia na monetização de dados obtidos por meio da vigilância possibilitada pelas TICs. Essa nova configuração social produziu um estado de coisas, em muitos aspectos, oposto ao que esperava Lévy, apresentaremos abaixo as sínteses propostas por Zuboff:

Para a autora, é perceptível que a perda da privacidade não é um simples efeito de todo esse processo, mas uma condição para que ele aconteça, desempenhado, desse modo, um importante impacto na estruturação da sociedade tecnológica atual.

O avanço das TICs sobre o mundo laboral fez com que a própria divisão do trabalho passasse a ser uma divisão da aprendizagem, indica Zuboff. Essa mudança representa uma transformação significativa, uma vez que diversos indivíduos ficaram admirados com a possibilidade de adquirirem novos conhecimentos que os permitiriam progredir nesse ambiente da informação, entretanto, com essas mudanças surgiram conflitos que a autora resume como sendo dilemas de conhecimento, autoridade e poder (ZUBOFF, 2021, p. 224). Esses dilemas podem ser expressos por meio de três perguntas essenciais: quem sabe? quem decide? e quem decide quem decide? (ZUBOFF, 2021, p. 224). Zuboff chega à conclusão de

31º Encontro Anual de Iniciação Científica
11º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



10 e 11 de novembro de
2022

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução: George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. 938p.